



REDES DE APOIO E PERCURSOS FORMATIVOS DE MULHERES-PROFESSORAS NO CURSO DE PEDAGOGIA PARFOR/UFRRJ

Ana Maria Marques Santos¹

Patrícia de Souza Lima²

RESUMO

Como as mulheres-professoras do ensino fundamental tem realizado seus percursos formativos em meio aos seus múltiplos papéis sociais? Objetivamos assim, observar alguns desses percursos, recorrendo ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR- Pedagogia, UFRRJ). O objetivo destacado, se encontra vinculado ao projeto PERCURSOS FORMATIVOS E ECOLOGIAS SOCIAIS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCADORES NA BAIXADA FLUMINENSE, em seu segundo ano (2020-2021). A pesquisa vem se consolidando com o mapeamento de mulheres-professoras que buscam, ou buscaram sua formação junto ao Programa, entre ativas e egressas, e em considerar na formação, as redes de apoio. O caminho teórico-metodológico, se localizou nas referências de formação docente, da legislação, e da literatura sobre redes de apoio, ainda, no mapeamento e catalogação dos acessos e permanência; localização das estudantes ativas, egressas e concluintes, através dos dados do Programa PARFOR na UFRRJ; questionário semiestruturado via Google Forms; assim como, entrevistas semiestruturadas realizadas em dezembro de 2019, antes do início (março-2020) e no atual período pandêmico. Observa-se que as redes de apoio ultrapassam o plano individual de parentalidade, e se alargam, engendrando outros espaços interinstitucionais, mesmo que forçosamente. No caso, as mulheres-professoras do PARFOR, teceram durante a formação, o enfrentamento das dificuldades do ingresso a Universidade com seus conceitos estabelecidos, suas certezas foram questionadas para que pudessem adquirir novos. Assim este artigo, se organiza em uma introdução, reflexões sobre processos formativos-redes de apoio, expectativas e realidades docentes, e considerações finais.

Palavras-Chave: Redes de Apoio, Mulheres-professoras, PARFOR Pedagogia, Formação Superior.

INTRODUÇÃO

Apresentamos aqui, parte da pesquisa que está em andamento “Percursos Formativos e Ecologias Sociais da formação de Professores na Baixada Fluminense”, trazendo inicialmente, a criação do Programa criado pelo Governo Federal, o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), juntamente com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Destacamos, que no projeto de

¹ Professora Associada do Departamento de Educação e Sociedade – DES, da UFRRJ, Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu e docente permanente do PPGEduc – Programa de Pós Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da UFRRJ. E-mail: anamarques.ufrj@gmail.com

² Licencianda do Curso de Pedagogia da UFRRJ, Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu. Bolsista de Iniciação Científica pela UFRRJ/CNPq 2019-2021. E-mail: patricia.souza0908@gmail.com

pesquisa do ANO I, nosso foco esteve voltado em compreender a formação das Mulheres-professoras no Ensino Superior e sua experiência no chão da escola. A partir disto, demos continuidade sequenciando o ANO II do projeto, que teve o objetivo direcionado por considerar na formação, as redes de apoio a essas Mulheres-professoras e como elas têm realizado seus percursos formativos aos seus múltiplos papéis sociais. No recorte desse estudo, apresentamos algumas considerações sobre as 21 participantes da pesquisa, que como visto no Gráfico abaixo, é estritamente feminino.

Gênero:

21 respostas



Figura 1 – Gênero (Fonte: as autoras)

A partir do Decreto nº6.755, de janeiro de 2009 foi instituído o PARFOR como Programa, através da CAPES. Tal Programa formativo, tinha como intento inicial, uma ação emergencial com o intuito de contribuir para Educação Superior, gratuita e de qualidade para professores em exercício da profissão, e que atuavam na Educação Básica e que, de forma desigual, estavam excluídos do acesso à formação superior específica, em suas áreas de atuação.

O programa, de caráter emergencial, criado com a finalidade de induzir e fomentar a oferta da Educação Superior, buscando suprir falhas no direito de acesso à formação docente, cuja lacunas formativas existem e persistem há décadas no Brasil, tratava de uma colaboração *tripartite*, entre a União e os Estados, o Distrito Federal, os municípios e as Instituições de Ensino Superior – IES, públicas e comunitárias.

As instruções acerca da Política Nacional de Formação de Professores estão dispostas no PARFOR, instituído pela Portaria Normativa nº 9, de 30 de junho de 2009. De acordo com a referida Portaria, a consecução dos objetivos do PARFOR se faz associar, entre outros, à oferta de vagas por parte das IES em cursos regulares existentes de primeira licenciatura nas modalidades presencial e a distância, em cursos especiais emergenciais de primeira licenciatura, cursos presenciais especiais de segunda licenciatura, bem como

em cursos especiais de formação pedagógica. Mais especificamente, os professores que atuam na rede pública, sem formação adequada à sua área de atuação, poderão se graduar de acordo com as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 1996, por exemplo, em cursos de 1ª licenciatura, estes com carga horária de 2.800 horas adicionadas de 200 horas de estágio, uma vez que sua atuação nas redes públicas de ensino lhes confere 50% de isenção na carga horária total deste último componente curricular. Já a 2ª Licenciatura, com carga horária de 800 a 1.200 horas, objetiva oferecer graduação adequada aqueles que lecionam determinadas disciplinas, mas não têm formação para tal, embora já tenham concluído outra licenciatura. As vagas disponibilizadas pelas IES ao PARFOR são distribuídas na forma de reserva de vagas em turmas regulares ou na forma da criação de turmas especiais, oferecidas pelas instituições especificamente para professores que atuam no ensino básico, mas que não atendem às exigências de formação dispostas na LDB. Assim, tendo como um de seus alicerces o PARFOR, a CAPES prevê estimular o processo de colaboração entre as IES e as redes públicas do país, provocando uma maior interação entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e a educação básica, no âmbito da Formação de Professores da Educação, 2013, 92-93).

O Programa, ao longo de sua instituição em 2009, veio sofrendo mudanças e alterações significativas, em especial ao que tange a oferta e acesso. Se, para professoras em serviço, a entrada em uma instituição superior de qualidade vinha sendo um objetivo distante, dado que consumidas pelos fazeres da educação básica, e as atividades cotidianas da vida fora do campo de trabalho: sustento familiar, cuidados domésticos, filhos, cuidados de parentalidades, entre outros, as distanciavam cada vez mais do acesso a 1ª licenciatura. Aqui nem estamos nos referindo a possibilidade de 2ª licenciatura, o que era uma possibilidade do Programa.

A partir do ano de 2015, o contexto de oferta do Programa se tornou escasso, com drástica redução de ofertas Governo Federal, por estados, sendo estas agora, realizadas através da submissão por edital. Dadas as ofertas, cada instituição, apresentava projeto de curso para concorrer a possibilidade de oferta. A exemplo da redução de oferta, o estado do Rio de Janeiro, recebeu a abertura em edital, de apenas UMA turma, para todo o estado, a despeito das demandas por formação apresentadas pelas redes de ensino básico, discutidas no Fórum de Formação dos Profissionais da Educação – FEPAD-RJ, do Fórum Nacional do PARFOR – FORPARFOR, e de entidades, tais quais a Associação Nacional.

Esse estreitamento, criou um gargalo, que mesmo diante das demandas das/os professoras (es) das redes municipais, estaduais e do Distrito Federal, convidados pela CAPES a se inscreverem na época na Plataforma FREIRE (freire.capes.gov.br), criada em 2009 para dar suporte ao PARFOR, no âmbito do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. A época e segundo o Ministério da Educação - MEC, “o professor deveria indicar dentro da ferramenta qual o curso que queria fazer (em acordo com a necessidade formativa da rede que participava) e a secretaria estadual ou municipal, ou ainda o DF, validava a inscrição e autoriza a participação no curso (G1, 17h36, 21/11/2019) – grifo nosso”. Abaixo, O gráfico 2 – destaca a pluralidade de municípios da Baixada Fluminense – RJ, destacado o município de Nova Iguaçu – RJ, onde se encontra o Campus da UFRRJ, e que conformam as demandas formativas das mulheres-professoras até 2020.

Lugar de Moradia

21 respostas

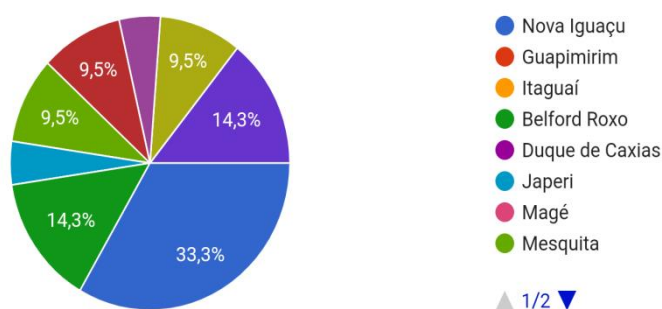


Gráfico 2 – Lugar de moradia e atuação



Dez anos após a sua criação em 2009, a Plataforma FREIRE, foi retirada do ar. Assim designada em homenagem a PAULO FREIRE, declarado patrono da Educação Brasileira em 2012, autor que primou pela experiência de vida nos processos de alfabetização e letramento, e reconhecido em suas obras, internacionalmente³, foi **retirada do ar**, e substituída, passou a ser chamada de Plataforma Capes de Educação Básica (<https://eb.capes.gov.br/portal/>), demarcando a disputa ideológica dos processos formativos no país, e justificada em sua troca, na nota CAPES, a seguir.

A Plataforma CAPES de Educação Básica foi criada, em substituição à Plataforma Freire, para ampliar sua abrangência e atender a outros programas e ações relacionados à formação de Professores, não contemplados na ferramenta anterior, como as cooperações internacionais e a modalidade de educação a distância. Assim, a nova plataforma unifica todas as iniciativas, ganha uma maior dimensão, contempla diversas funcionalidades e abre mais possibilidade na formação dos docentes brasileiros. A mudança permitirá à CAPES aprimorar a gestão da demanda e o acompanhamento da formação inicial e continuada de professores (Nota da CAPES, novembro de 2019).

Em que o todo desse contexto, dos processos de garantia da formação, acesso e permanência tem a ver com a nossa pesquisa? Tudo. A história dessas mulheres-professoras, em seus processos formativos, trata da real necessidade das redes de apoio para além daquelas de solidariedade e que vão se constituindo ao longo de suas vidas profissionais e pessoais. Esses entrelaçamentos, definem e muito, a formativa necessária a milhares de professoras em exercício de sua função, que também formam outros tantos milhares, diretamente na ponta, no chão da escola, e de suas famílias, de ambos, formadoras e formandos, que recebem os impactos dos processos de escolarização e de letramento de mundo.

Nessa direção, este estudo, recorta da pesquisa mais ampla, o aprofundar sobre as formas, condições e reflexos-ação, em que se dão os processos formativos de professoras e educadoras no âmbito da Baixada Fluminense, RJ, tendo como foco a licenciatura em Pedagogia-PARFOR, em sua oferta pública, e quais impactos dessa formação nas suas relações

³ Paulo Freire no contexto contemporâneo da escrita deste texto, acabou de receber mais uma homenagem em reconhecimento de seu trabalho e legado educativo. A Universidade de Cambridge, na Inglaterra, fez questão de demarcar a homenagem ao patrono a educação brasileira, e destaca “Apesar de o educador não ser popularmente conhecido no Reino Unido, sua didática de ensino, moldada no pensamento crítico, influenciaram a educação ao redor do mundo. A homenagem é definida pelos professores da instituição como um símbolo da “tolerância e diálogo” em tempos de “guerra cultural” no ambiente acadêmico (CARTA CAPITAL, 30 de novembro de 2021) <https://www.cartacapital.com.br/educacao/inimigo-do-bolsonarismo-paulo-freire-ganha-estatua-na-universidade-de-cambridge/>.



peçoais-profissionais. Seguindo essa direção, identificar as redes de apoio existentes para essas mulheres-professoras, das quais lançaram mão, durante seus processos formativos.

Apesar dos relatos de dificuldade encontradas pelas mulheres-professoras em seus processos formativos na Universidade, e a execução do cronograma de pesquisa durante o período pandêmico, instaurado pelo vírus SARS-COV-2 causador da COVID-19 (Março de 2020 até o momento atual - novembro de 2021), nos foi possível, coletar dados, indícios e informações tanto através das entrevistas realizadas no evento de 10 anos do Parfor, em dezembro de 2019, antes do período pandêmico e, posteriormente, no ANO II do projeto, através do recursos de um questionário com perguntas fechadas e abertas, via *google forms* online, formas do percurso formativo na passagem formativa pelo programa, bem como, identificar as redes de apoio encontrados, que foram os suportes para a possibilidade dos processos formativos dessas mulheres professoras, como estudantes universitárias.

CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nas palavras de Kosik (2010, p. 44): “[...] todos os fatos, (reunidos em seu conjunto) não constituem, ainda, a totalidade”. Reconhecemos a importância da centralidade da práxis, proposta por Marx, na vida humana, em suas relações de (re) produção no convívio social e na ênfase da significação do trabalho na transformação da natureza e no papel de mediador das relações sociais – ditas aqui, socioambientais, as quais, em si, guardam a limitação histórica, já que: “[...] não existem princípios eternos, nem verdades absolutas, todas as teorias, doutrinas e interpretações da realidade [...], sendo esse o coração do método dialético, o primeiro elemento do método e da análise dialética (LÖWY, 2003, p. 16)”.

Neste caso de pesquisa, metodologicamente, levando em consideração os sujeitos como produtores de espaço, podemos seguir por dois caminhos investigativos, o primeiro: a forma como esses sujeitos em especial às mulheres-professoras, chegam à Universidade e se constituem e constituem o espaço formativo com suas cargas identitárias; e o segundo, como essa constituição poderá impactar ao espaço de devolução da formação: a escola e seus sujeitos.

A produção de elementos que nos apoiaram a categorização desta pesquisa específica, trata: da metodologia, partindo do mapeamento e catalogação dos registros de acesso de mulheres-professoras, ao Curso de Licenciatura de Pedagogia PARFOR-UFRRJ; da organização da localização, em serviço, nas redes municipais e estadual de ensino, da Baixada



Fluminense e região metropolitana; do estudo aprofundado e específico quanto as Redes de Apoio durante o Ano II do projeto, da realização de questionário semi-estruturado – online – via *Google Forms* para compreender a realidade das discentes em seus percursos acadêmicos, visando a compreender como se deu sua rede de apoio durante o período de formação, direcionado a 123 estudantes do PARFOR/Pedagogia UFRRJ IM, entre ativas e concluintes.

Nesse sentido, para Alves-Mazzotti e Gewandszajder (2000), os objetos estão em movimento e são mudados para, no limite, deixarem de ser objetos, abolindo, com isso, a separação sujeito-objeto, tema clássico da ciência tradicional. “(...) o papel do teórico e da teoria, pode ser, e é crucial para a mudança social, pois é ele quem desvendará o fetiche que encobre as relações sociais possibilitando a emancipação” (ALVESMAZZOTTI; GEWANDSZADJER, 2000, p. 139). Isto é que esses autores denominaram de tentativa de “[...] compreender como as redes de poder são produzidas, mediadas e transformadas”.

A análise, nessa perspectiva, viabiliza a compreensão da mobilidade social em seu conjunto, a partir da realidade concreta em que este se insere e se apresenta. Não há desvinculação entre experiência e conceitos de fatos. É então pela possibilidade de compreender um todo estruturado, constituído de concretudes e não de abstrações, que se torna possível apreender sua totalidade por meio de seus determinantes e de suas estruturações categoriais. Isto não significa o esgotamento de todos os aspectos que compõem a totalidade, mas significa, ao considerar seu desenvolvimento dinâmico e de mutabilidade, a apreensão de componentes de contradições e de mediações inerentes a todo e a qualquer processo de (re) produção social pela realidade concreta que compõe essa totalidade.

Todas as fases da pesquisa buscaram a elucidação de posicionamentos, concepções à cerca da realidade formativa, como forma de apresentar a realidade concreta e contraditória, e o universo com que se relaciona. Os cenários atuais dos processos formativos estão se tornando cada vez mais complexos e se constituindo como arena de luta e disputa política. Esse jogo de força precisa ser elucidado, a fim de reduzir as desigualdades nas lutas e busca de reafirmação do empoderamento que pertence a todo sujeito humano, e aqui principalmente, no que diz respeito ao feminino, na sua constituição pessoal-profissional-coletiva.

Redes de apoio e redes social-pessoais

Pesquisas como as de Meneses (2007), apresentam em seu escopo autores tais quais, Castel (1974), Cobb (1976) e Caplan (1974), Wasserman e Danforth (1988), Sluzki (1997),

(Gracia, 1998), (Montero, 2003) e (Rangel, 2003; Rangel e Sarriera, 2005), que têm se ocupado de problematizações e categorizações sobre redes de apoio.

A princípio, Meneses (2007), destaca o princípio da saúde pessoal e social, em que os efeitos do *stress* podem ser minimizados ou até mesmo prevenidos pelo estabelecimento de relações sociais saudáveis e efetivas. Esse princípio, estabeleceu a possibilidade de uma nova possibilidade para a pesquisa social a partir dos anos 70 – o apoio social.

Em meados dos anos 70, os trabalhos de Castel (1974), Cobb (1976) e Caplan (1974), faziam referência ao apoio social. Castel e Cobb relataram que o apoio social protege as pessoas de influências negativas, físicas e psicológicas (Gracia, 1998). Cobb (1997) destaca e considera o apoio social como a informação que permite a uma pessoa sentir-se querida, cuidada, estimada, valorizada e faz parte de uma rede de relações que mantêm obrigações recíprocas. Já para Caplan (1974), se trata de um sistema de apoio que implica um padrão duradouro de vínculos sociais que protegem a integridade física e psicológica das pessoas, e lhes oferecem o *feedback* necessário para favorecer sua identidade e desempenho (Gracia, 1998) – (MENESES, 2007 p.62-63).

Suporte material e emocional para organização da vida (Mulher-professora1).

Suporte e incentivo Ser 'braços, pernas e coração' no momento em que mais se precisa (Mulher-professora2).

Já a década de 80, parece consolidar tal apoio social no âmbito familiar, configurando-se “como o lugar das interações sociais humanas”, segundo Wasserman e Danforth (1988, apud Meneses, 2007, p.63), O que também, pode ser encontrado, em alguns dos relatos:

“Rede de apoio entendo por várias coisas. Apoio de família, amigos. Tem também apoio financeiro por algum tipo de bolsa financeira, associações, serviços prestados, etc. (Mulher-professora3)”.

“Amigos e parentes próximos. Pessoas que te auxiliam de alguma forma em sua vida” (Mulher-professora4)

Os autores destacam ainda, que estas redes aparecem de “forma espontânea”, no que divergimos, pois que, dadas pelas condições materiais da organização social, imputadas pelas contradições do mundo do trabalho, seja este formal ou não-formal. São construções sociais de vínculos e relações que não tratam da natureza humana, mas de sua constituição histórico-social.

Demais autores, como (GRACIA, 1998, apud MENESES, 2007, p 63), amplia o conceito considerando “aspectos estruturais e funcionais das redes sociais, sendo que os aspectos estruturais estariam dados em termos das condições objetivas que rodeiam o processo



do apoio social, que, neste caso, seria uma das funções da rede”, e apresenta a necessária diferenciação entre: **rede social** – que trata das características estruturais; **apoio social** ligado às funções que presta essa rede e seus efeitos sobre o bem-estar das pessoas, e **rede de apoio**, que seria mais restrita, e que denomina o conjunto de relações que desempenham funções de apoio (GRACIA, 1998, apud MENESES, 2007, p.63-64). Nesta última, parecem residir nossas mulheres-professoras.

No meu caso, tenho um exemplo de rede de apoio. Tive minha mãe cuidando dos meus filhos para que eu trabalhasse. Um exemplo de rede de apoio, no meu entender, bem clássico, é onde pessoas (mais comum entre mulheres) auxiliam outras mulheres a chegarem no seu objetivo cuidando de algumas tarefas do dia a dia (Mulher-professora4).

Esta mesma concepção apresentada pelas mulheres-professoras, pode ser encontrada em (SLUZKI, 1997, apud MENESES, 2007, p.64).

quando define a rede social como um nível de relação microscópico em que ocorrem todas as relações que uma pessoa percebe, sendo significativas e diferenciadas de massa anônima, que é a sociedade. Para este autor a rede social está formada pela família, amizades, relações de trabalho ou estudo e relações com a comunidade. No contexto microscópico, Sluzki (1997) também diferencia três níveis de relação que estão dados em termos de vínculo, de afinidade e de proximidade entre as pessoas e constituem o microsistema onde têm lugar as interações mais significativas das pessoas.

Questões tais quais, o fato do reconhecimento e redistribuição, discutidas por FRASER (2001, p. 245-282) guardam aspecto fundante e crucial para os processos formativo dessas e tantas outras falas dessas mulheres-professoras. As condições de materialidade da vida e do cotidiano, atravessam fortemente a condição formativa dessas mulheres.

Trabalhar em duas redes e dar conta de filhos, casa e marido, é muito difícil. Mas se torna mais fácil quando nos fazem acreditar que é possível. (Mulher-professora5).

Eu não tinha as vezes outro tipo de ganho. Pois eu trabalhava como professora e ganhava pouco (Mulher-professora6).

Foram anos de muitas renúncias, tive que deixar muitas coisas de lado para focar na minha formação profissional. Muitas estratégias para dar conta de tudo. Um corre e corre muito grande. E no 7º período minha mãe teve um AVC (Acidente vascular cerebral) ela ficou com todos o lado direito paralisado. Ficou acamada, sem andar. Foi um dos períodos mais difíceis da minha vida. Pensei em trancar a faculdade, mas tive o apoio do meu esposo que não me deixou trancar. Eu, minha irmã e ele conseguiram com muito aperto financeiro colocar uma pessoa para cuidar da minha mãe nos períodos que eu tinha que estar nas aulas. Depois fui conseguindo administrar com muito sacrifício essa situação da doença da minha mãe, mais a vida profissional e a vida acadêmica. Não foi fácil não. Mas no final eu consegui



terminar minha monografia e defender. Graças a Deus! Formei-me com muito sacrifício. Mas cheguei ao fim da tão sonhada graduação em Pedagogia (Mulher-professora7)

As redes de apoio podem ser consideradas como relações sociais determinadas pelas condições de existência, que permite uma pessoa se sentir cuidada e fazer parte de um vínculo entre pessoas que oferece apoio, em sua maioria, de ordem interna às redes familiares e ou de vínculos de amizade, solidário e privado. Através desses estudos foi possível enxergar um déficit quanto a essas redes de apoio, em sua organizativa pública, gratuita e de qualidade, e que a falta destas implicam e impactam diretamente nos percursos formativos das professoras estudantes do PARFOR. A falta de uma rede de apoio sólida e de caráter público para essas mulheres, pode tornar esse caminho muito mais árduo, espinhoso, caracterizando e focando apenas nos sujeitos em formação, a responsabilidade do sucesso formativo. Desvia assim, da responsabilidade de direito, pública, gratuita, coletiva e de qualidade da formação docente, característica das políticas ultraliberais. É necessário que políticas de Estado cumpram o seu papel de bem estar social, na garantia de pessoas mais saudáveis e com inteireza de seus processos humanos e formativos-profissionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO PRELIMINARES

No decorrer da pesquisa foram realizadas diversas atividades e coletas de materiais de trabalho. Durante o período de 2 anos foi possível realizar as seguintes atividades: fichamentos de livros, leituras de artigos, entrevistas com as estudantes do PARFOR, participação do evento de 10 anos do programa e também a participação na Roda de Conversa na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia em 2019.2, além de estudos visando conhecer e compreender os percursos formativos bem como as redes de Apoio das mulheres-professoras estudantes do PARFOR, leitura de livros, questionário online e apresentação de trabalho na RAIC.

A participação na Roda de Conversa da SNCT e o evento de 10 Anos do PARFOR nos proporcionou uma contribuição significativa, onde pudemos realizar as entrevistas semi diretas com as mulheres-professoras e conseguir coletar dados importantes a respeito do que foi a participação delas no programa PARFOR, os impactos, as contribuições, desafios e aprendizados. Nossa participação na roda de conversa foi extremamente relevante, onde conseguimos coletar informações de poucas professoras e suas experiências no chão da escola e, compartilhar a troca de conhecimentos com alunos do curso normalista que se tornarão professores e incentivá-los a não desistirem da formação.



Através da captação dos indícios recolhidos a partir da participação de 21 mulheres-professoras do PARFOR-Pedagogia – UFRRJ, consolidou-se que as redes de apoio instituídas a partir de pessoas que fazem parte do seu vínculo social, tais quais familiares e amigos, sendo esses muitas vezes provedores de aportes e apoios financeiros, emocionais, colaborativos que auxiliam na organização cotidiana da vida, e por fim contribuem para seu melhor desempenho na trajetória acadêmica.

Essas redes se deram por meios de suporte na divisão de trabalho do lar, cuidado com os filhos, interferência na informática, segurança, incentivo, parceria, suporte financeiro e apoio psicológico. Apresentando dificuldades como a disponibilidade de horários, a falta de convivências com os filhos e familiares, falta de autonomia no lar e a necessidade levar os filhos para a Universidade.

A falta das redes de apoio também impactou algumas estudantes que afirmam não terem concluído o curso e estarem em atraso, outras tiveram que dividir o tempo e se desdobrar, outras a partir da contratação de trabalho para auxílio e suporte, abdicar-se dos momentos de descanso para organização da vida cotidiana em horário noturnos, renúncias do lazer e problemas de saúde. Por fim, e não menos importante, o destaque se dá para a contribuição significativa e fundamental para seus processos formativos, de modo que tivessem apoio e condições de todos os aspectos em seus percursos dentro da graduação.

CONSIDERAÇÕES EM CAMINHO

Em virtude do que foi mencionado, conclui-se que o programa PARFOR em sua década de existência (2009-2019), na UFRRJ, proporcionou o ingresso de muitos educadores de diversos lugares do país, da rede pública fundamental de ensino, contribuindo para mudanças nas realidades culturais e socioeconômicas destes professores que estão espalhados pelo Brasil. Embora pareça fácil citar os benefícios da participação no programa, em sua maioria mulheres, negras, mães, distanciadas da cultura universitária, e, em sua maioria, a primeira geração a cursar o ensino superior público e federal em seu âmbito de moradia e atuação profissional.

Foi observado o aumento na ocupação de cargos de gestão, ingresso na pós graduação, atuação no ensino superior, de modo a proporcionar mudanças em sua realidade cultural, socioeconômica e educacional, delas próprias, e da ponta, o chão da escola pública onde atuam.

Aqui as redes de apoio ultrapassam o plano individual de parentalidade, e se alargam, engendrando outros espaços interinstitucionais, mesmo que forçosamente.

Por fim, as mulheres-professoras do PARFOR, passaram por dificuldades no enfrentamento do ingresso a Universidade com seus conceitos estabelecidos e certezas confrontadas para aquisição de novos conhecimento e quebra de paradigmas, além de enfrentarem também o não pertencimento a este espaço como se não pudessem fazer parte dele, mas colocaram seus objetivos em caminho, seja na busca formativa, seja na consolidação de sua integralidade humana, social e afetiva, e que, apesar na inexistência de redes de apoio oriundas de políticas públicas de bem estar, teceram outras tantas, em busca de superações. Mulheres-Professoras em busca de um lugar social mais justo, humanizado e com garantias aos seus direitos formativos pessoais e para com seus lugares de mulheres-docentes.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 2000.

BRASIL. Decreto N° 6.755, de 29 de janeiro de 2009. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 30 de janeiro de 2009.

BUTTLER, J. A vida psíquica do poder. Teorias da sujeição. 1ª Ed. Belo Horizonte. Editora Autêntica 2017.

CAPLAN. . In López-Cabanas, M. & Chacón, F. *Intervención psicosocial y servicios sociales*. Madrid: Síntesis Psicológica, 1997.

CASTEL, R., ¿Qué significa estar protegido? In Dabas, E. & Najmanovich, D. (comps.). *Redes. El lenguaje de los vínculos*. (pp. 151-158). Argentina: Paidós, 1995.

COBB. Em López-Cabanas, M. & Chacón, F. *Intervención psicosocial y servicios sociales – Un enfoque participativo*. Madrid: Síntesis Psicológica., 1997.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. In: SOUZA, Jessé (org.). **Democracia Hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. Brasília: Ed UnB, p. 245-282, 2001.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa* - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2017



KOSIK, K. O mundo a pseudoconcreticidade e a sua destruição. IN: KOSIK, K. **A dialética do Concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LOWY, M. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista**. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2003. 16.

MENEZES, J. S. S.; RIZO, G. **O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 87-103, out./dez. 2013. Editora UFPR.

MONTERO, M. Teoría y práctica de la psicología comunitaria: la tensión entre la sociedad y la comunidad. Buenos Aires: Paidós., 2003.

SANTOS, A. M. M.; AZEVEDO, P. B. AUTORIA E EMPODERAMENTO: formação de professores e a escrita monográfica de conclusão no PARFOR-HISTÓRIA/UFRRJ.

SLUZKI, C. A rede social na prática sistêmica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

RANGEL M., María Piedad. Redes sociais: pessoais: conceitos, práticas e metodologia / María Piedad Rangel Meneses. - Porto Alegre, 2007.

RANGEL M. P. Família imigrante: estrutura e funcionamento da rede social. Dissertação de mestrado. Faculdade de Psicologia, PUCRS, 2003.

RANGEL M. P. & Sarriera, J. Redes Sociais na Investigação Psicossocial. Aletheia, 21: jan-jun. 2003, p. 53-68. 2005.

Revista Educação e Cultura Contemporânea, v.15, n.41, 2018
<http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20180081>

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, A. M. M.; AZEVEDO, P. B. TORNAR-SE PROFESSOR DE HISTÓRIA: por que se lê e escreve no curso de História PARFOR/UFRRJ? **Revista de Políticas Públicas da UFMA**.v. 22, NÚMERO ESPECIAL DA VIII JOINPP - 1917-2017:

UM SÉCULO DE REFORMA E REVOLUÇÃO, MA, 2018.
[Periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/issue/view/481/showToc](http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/issue/view/481/showToc).

VERENICZ, Marina. Inimigo do bolsonarismo, Paulo Freire ganha estátua na Universidade de Cambridge... In; **CARTA CAPITAL**. <https://www.cartacapital.com.br/educacao/inimigo-do-bolsonarismo-paulo-freire-ganha-estatu-na-universidade-de-cambridge/>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

WASSERMAN, H. & H. DANFORTH. The Human Bond: Support Groups and Mutual Aid. New York: Springer Publishing Company. 1988.